

HISTÓRIAS DE INFÂNCIA E LEMBRANÇAS DE VELHOS

RITA LUIZ DA ROCHA/UNIMEP
DRA. MAGDA SARAT/UNICENTRO

Este trabalho é parte integrante do projeto de monografia “Histórias na Infância: A Construção de Valores Através da Fantasia”, concluído no final do curso de Pedagogia. Esta pesquisa buscou verificar até que ponto as histórias são utilizadas pelos adultos para forjar comportamentos e ensinar valores às crianças.

Nesse sentido escolhemos as histórias populares como objeto de estudo, associando e analisando os elementos simbólicos que são passados e construídos pela criança através de tais histórias. Nos perguntamos e tentamos perceber como os adultos utilizam-se de elementos fantásticos e da imaginação contida nas histórias infantis para formar, educar e “modelar” nas crianças valores, que são importantes no grupo do qual ela faz parte. Sendo possível também questionar acerca da existência, ou não, de uma apropriação de poder, por parte do adulto, no intuito de controlar as crianças, suas emoções, sua disciplina e a organização de comportamentos considerados responsáveis e melhor aceitos socialmente.

Procurando respostas a essas questões nos voltamos para as fontes disponíveis, quais sejam, uma bibliografia na área e entrevistas com três pessoas que estavam na faixa etária de 60 a 70 anos. Sendo estes, duas mulheres e um homem, que passaram a infância em lugares distintos, dois deles no estado do Paraná e um em Santa Catarina. A escolha destas pessoas foi feita por estarem entre a faixa etária que nos interessava, tinham passado a infância em localidades diferentes e ainda faziam parte de alguma forma das nossas relações sociais.

Os relatos concentraram-se nas lembranças entre os sete a treze anos, pois era o período que mais as pessoas se lembravam, apontando assim que determinados conceitos começavam a ser cultivados muito cedo em suas vidas. Tais conceitos como respeito, obediência, religiosidade, escolarização, responsabilidade, honestidade, modos de comportamento que eram os mais cobrados e enfatizados pelos adultos e continuaram

sendo importantes não somente na formação pessoal, mas naquilo que tentaram transmitir aos filhos, netos e bisnetos, segundo seus relatos.

Nesse sentido, trabalhamos metodologicamente com as memórias de infância para resgatar as histórias, os contos, as superstições e os fatos que têm na tradição oral e que são elementos de registro e de reprodução passados de pai para filho.

Sendo assim, procuramos contar essas experiências não especificadamente sobre a infância dessas pessoas, mas, verificar a partir delas, os valores construídos através das memórias contadas e lembrada nos contos e histórias infantis. Algumas questões pertinentes à pesquisa nos moviam a curiosidade no sentido de saber. Quem contavam-lhes histórias? Em que momentos estas aconteciam? Se quando crianças eles acreditavam naquilo que era contado? Qual era o tempo de parar de ouvir histórias? Como eram explicados os assuntos proibidos as crianças? Quais os medos eram mais presentes? O que era considerado “respeito”, e a que ou a quem destinava-se? Tais inquietações nos levaram ao encontro dos entrevistados.

Nesse contexto, a pesquisa também seguia pelas fontes bibliográficas. Sabemos que as histórias sempre fizeram parte do cotidiano da vida humana. Mesmo em idades mais remotas a tradição de contar história marcou as relações entre crianças e adultos. Sendo que “os contos são mais antigos que a sociedade de massa” (BETTELHEIM, 1980).

Dessa forma, as histórias passam no crivo do saber popular, pois, entendem-se como práticas sociais, onde se caracteriza por uma investigação do passado dos povos, ou seja, são a transmissão cultural que independe de pessoas ou lugares e que são modificadas, conforme o modo particular de cada indivíduo perceber os contextos a sua volta, e estão sujeitos a sofrer alterações de acordo com o tempo e o espaço. Conforme aponta MONTENEGRO (1994, p.56): “O saber popular é devolvido com um sabor de narrativa de histórias contadas em rodas de conversa, onde todos têm um detalhe a acrescentar, remodelar (...) ao mesmo tempo, situa uma historicidade popular que em muito se assemelha à de outros lugares em tempos os mais diversos. Recorre a elementos da tradição para projetar um campo de resistência”.

Assim, a história oral e a riqueza de fatos, surgem como possibilidade para entender como adultos e crianças e todos os envolvidos nessas histórias, explicam o cotidiano vivido através do imaginário popular. Essas experiências através dos saberes populares muitas vezes estão impregnadas, de superstições, simpatias, benzeções, bruxarias, do entendimento dos astros e da natureza, enfim fenômenos culturais e sociais, os quais são utilizados para tentar solucionar problemas da vida, como a falta de dinheiro, amores e principalmente com a sobrevivência perante o cotidiano. Assim, “o povo não sofre angústia metafísica, não por julgar inacessível o conhecimento das origens, mas simplesmente *já saber*. Não o *porquê*, mas, *para que* utilitário” (CASCUDO, 2001, p. 360).

Neste contexto, as histórias infantis também aparecem representadas nas mais diversas formas, com fadas bondosas e também histórias compostas por bichos papões, almas penadas, monstros, lobisomens, velhas e velhos horríveis, gigantes, monstros com cabeças de animais e corpo de gente e danças para o diabo, elementos que as tornam cada vez mais fantásticas e amedrontadoras.

Dessa forma, as histórias surgem como possibilidade para entender o mundo que cerca a criança, para dar respostas em momentos difíceis da vida e também como possibilidade de experiência lúdica. Assim podemos perceber que muitos saberes “positivos” ou “negativos” são construídos ainda na infância, através de pequenas histórias, contadas por pessoas do convívio, pois “ela necessita de idéias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida (...) a criança encontra este tipo de significado nos contos de fadas”. (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Diante de tais reflexões, e tentando buscar respostas as nossas indagações, coletamos histórias que privilegiavam como o próprio título indica, o maravilhoso popular, isto é, narrativas de adultos que nos apresentaram, a constituição de uma estrutura de valores e referenciais que foram construídos desde a sua infância, a partir de acontecimentos ligados à fantasia, ao mito, à lenda, à superstição e, por conseqüência, à religiosidade popular que povoa e compõe todo o imaginário social dos grupos humanos.

Nessa perspectiva, experimentamos um grande prazer e apresentamos algumas possibilidades do que foi possível coletar para entender essas histórias.

Os contadores entrevistados nesta história foram D. Clara 73 anos, D. Odila 74 anos, Sr. Valmor 59 anos. Seus relatos de infância falam de tempos de dificuldades, através do trabalho infantil na roça e nos afazeres de casa, de comportamentos impostos e esperados, do controle marcado pelos pais e também do autocontrole em situações sociais; mas, também mostram momentos lúdicos nas rodas de conversa com tios e amigos; nas festas da família e da igreja.

Os relatos nos remetem a uma infância vivida em casas e quintais grandes com árvores frutíferas; escadas que serviam para brincadeiras de casinha e de bonecas; brinquedos como: jogos com bolinhas de gude, pião, soltar pipa, pular corda, nadar em rios, pescar. E também nos enviam ao universo das histórias onde figuravam fantasmas, bruxas, lobisomens, mula sem cabeça, provocando medo de cemitério, de morto e do inferno. E ainda, histórias de fadas em que a beleza do conto tomava conotações reais como a espera do príncipe, relatada por uma das entrevistadas como a maior lembrança de tais momentos.

Percebemos assim que as histórias contadas por Sr. Valmor 59 anos, D. Odila 74 anos e D. Clara 73 anos se entrelaçam inúmeras vezes, mesmo sendo de culturas e espaços diferentes, eles foram crianças vivendo em um determinado tempo e ouvindo histórias que ficaram em suas memórias imprimindo marcas positivas e negativas que eram lembradas ao serem contadas. Nesse contexto de memórias, achamos interessante fazer um resumo das vozes procurando dar espaço, tempo e oportunidade aos entrevistados individualmente, para que deixassem registradas suas experiências relevantes e assim contribuíssem coletivamente com a investigação.

Salientamos que para a apresentação deste trabalho, fizemos um recorte da pesquisa, onde destacamos apenas três características dessas histórias, priorizando: Quem as contava? Quais eram os tipos de histórias? E qual a importância delas na formação de valores? E como puderam ser disseminadas através destas pessoas.

Inicialmente os entrevistados nos colocaram em contato com momentos em que a cultura das histórias era ouvida, em meio uma vida simples e em que a crença, os valores e os conhecimentos, em geral, eram transmitidos de geração a geração nas rodas de conversa. Nesses relatos referem-se a lembrança da pessoa que contava e como contava tais histórias. Assim, lembrar do “contador” passa a ser primordial, pois para as crianças eram momentos que chegava a família, os amigos, onde ocorriam as trocas pessoais e os encontros lúdicos. Mas em alguns casos, foram lembrados também, dependendo do teor das histórias, como momentos que provocaram muito medo.

As lembranças dos contadores de D. Odila 74 anos, são o pai e a empregada que sempre contavam as “histórias de boca” segundo a entrevistada (eram histórias contadas oralmente, sem a utilização de livros). Nesse sentido ela fala sobre os contadores: “Então ela contava de bichinho, da Branca de Neve, ela gostava muito de contar (empregada)... E daí tinha o príncipe encantado... Então a gente gostava de ouvir e sonhar com o príncipe (...) Meu pai contava muitas histórias sabe!... Ele ia ao quarto contar para a gente, a gente dormia que nem sentia...”. Sobre a lembrança de quem contava para o Sr. Valmor, 59 anos ele lembra que: “meu pai, meus tios também que contavam histórias pra gente...”. E D. Clara 73 anos, lembra que também era o pai o contador: “Ih! Papai contava muita história... Mamãe era muito quieta”!

Nesse sentido, pode-se dizer que as histórias são lembradas pela pessoa que contava e tomavam conotações variáveis de excitação de acordo com quem contava. Interessante perceber que as histórias apresentadas pelos entrevistados eram contadas pelo pai, salientando o prazer de sua presença nesses momentos de ludicidade. Assim pouco destacando a figura da mãe, pois a mesma como afirmam, eram quietas demais, estavam sempre envolvidas nas atividades domésticas e no cultivo da roça, e também não tinham muita paciência em relatar histórias.

Outra perspectiva a ser enfocada é que as abordagens que se referem a um determinado tipo de histórias, que seria as representações que as crianças fazem sobre as explicações místicas dos adultos, um poder sobre o bem e o mal. Os conceitos

fantasmagóricos embora gerem o medo, certamente elas gostam de ouvir e predomina um certo domínio do adulto sobre as crianças. Tal perspectiva nos remete a BETTELHEIM, quando aponta que “o conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para elas” (1985, p.59).

Sobre referências a esse tipo de história temos as seguintes descrições nas vozes dos entrevistados: “Eram histórias antigas que eles contavam de bichos, fantasmas, que defunto aparecia... então por isso desde pequeno eu até 13 anos... tive muito medo, tinha dia que não conseguia dormir...”. (Sr. VALMOR, 74 ANOS). Também D. Clara 73 anos relata: “Quando nós éramos criança, nós pensávamos que era certo, viam mula-sem-cabeça...boitatá também, esse tinha mesmo!... Eles contavam que de noite na quaresma que o lobisomem saía e ia nos galinheiros... nós tremíamos de medo” (D. CLARA, 73 ANOS). Os relatos indicam que as crianças acreditavam em tais mitos e muitos desses adultos, ainda hoje, disseram que inventar histórias é muito significativo, ainda que tais histórias, na sua experiência, tenham gerado medo diante do obscuro e do misterioso. O controle dos adultos poderia ser exercido através do medo e do mistério. No entanto, nas lembranças de D. Odila 74 anos, era um aspecto que não esteve muito presente. Somente em um momento ela relembra contos de assombração. Suas lembranças são sempre de contos de fada, histórias alegres e bonitas contadas pelo pai ou pela empregada. Assim ela conta que: “Um pouco era de assombração, mas a gente tinha medo... Então quando era assim, a gente dizia para a empregada: Não conte senão a gente não pode dormir! Conte do príncipe! ” (D. ODILA, 74 ANOS). Destacamos nessa passagem que a história de D. Odila 74 anos contraria a idéia do controle pelo medo, pois o pai primava por uma infância sem assombros, onde a preceptora era proibida de contar tais histórias. Assim, a infância de D. Odila 74 anos, no que se refere aos contos infantis foi marcada por momentos alegres e prazerosos.

Outro apontamento percebido é a importância da formação de valores construídos ainda na infância com questões como, por exemplo, de caráter moral, sexual ou religioso,

são percepções que permaneceram com essas pessoas e na sua fala enquanto adultos, estão continuamente se remetendo e fazem questão de dizer que evidenciam esses aspectos no contato que tem com outras crianças, como com filhos, netos, bisnetos, amigos, vizinhos. Conforme nos conta D. Odila 74 anos: “Eu tinha doze anos... Mamãe falou que desta data em diante agora já passava ser mocinha... Que tinha de se cuidar muito, não lave a cabeça quando tá! Se não pode suspender... Isso a mãe sempre punha a gente a par das coisas e eu fui passando de mim para meus filhos... a mesma coisa e elas não lavam a cabeça!” (D. ODILA, 74 ANOS).

Tais preocupações em disseminar os valores da fé, moral e da honestidade para “trilhar caminhos bons”, conforme acredita Sr. Valmor quando relata: “A gente... Só agradece a Deus pelo que a gente é hoje graças a Deus! A gente vive uma vida mais ou menos boa, não tão sofrida, sempre tem um serviço... progredimos bastante... mas com muita fé em Deus... nunca deixei nós aqui! (Sr. VALMOR, 59 ANOS)”. Esse valor em uma crença também está presente na fala de D. Clara 73 anos, que ressalta o respeito, a moral, os ensinamentos dos mais velhos como sendo muito importantes para a vida das crianças. Para ela, a religião era espaço de lazer, de diversão, onde se sentia útil e valorizada, conforme ela conta: “Naquele tempo eu olhava uma figurinha de santo assim! e fazia virar numa bandeira por conta, em época de festa”.(D. CLARA, 73 ANOS).

Tanto Sr. Valmor 59 anos, como D. Clara 73 anos percebem a falta desse envolvimento religioso nas crianças, nos jovens e nas pessoas com esse tipo de atividade. A igreja para muitas pessoas aparentemente deixou de exercer a função social que antes possuía, como local de encontros da família, das crianças, das festas, dos primeiros namoros perdendo assim esse vínculo social, que se mostrava como o único espaço de atividades lúdicas para algumas comunidades. Portanto, tais conceitos foram importantes para os entrevistados, pois acreditam que estes garantir uma boa educação, educação esta que estão transmitindo para a as gerações posteriores.

Assim, a partir dessas histórias, alguns elementos nos propiciaram a possibilidade de perceber em todas os entrevistados experiências em comum. Observamos que em todas as

histórias, ocorreram aprendizagens de valores, estabelecidos pelos adultos, que foram importantes para imprimir e internalizar não só os limites mas as regras de comportamento às crianças. Como também foram relevantes na construção de valores como responsabilidade, honestidade, bondade, que segundo os entrevistados são elementos fundamentais, nas relações que estes estabelecem com o mundo e as pessoas à sua volta.

Em face disso, entendemos que a infância é um tempo propício para as aprendizagens quando a criança participa da construção social, cultural e histórica do seu grupo, ou seja, nos momentos vividos pelas crianças juntamente com os adultos. Dessa forma, as mudanças são percebidas por elas, com a intermediação do adulto e da família, e tais relações construídas pelos pequenos desde a infância podem marcar significativamente a visão destes adultos imprimindo determinadas concepções sobre a realidade.

Assim entendemos que, a formação que temos durante a infância, faz com que reflitamos sobre nossas relações com o presente e também com um futuro próximo. Nesse sentido, é importante que estejamos atentos a atitudes como repetir aquilo que acreditamos ser importante daquilo que aprendemos com nossos pais, e também negar as atitudes que não foram construtivas, para não cometermos os mesmos erros com filhos e netos. A geração posterior que certamente, também trará as marcas dos nossos ensinamentos. Sendo assim, aprendemos e concordamos com o Sr. Valmor 59 anos, quando diz: *“a gente também vive do presente e vive um pouco do passado pra pode entender as coisas e o mundo de hoje...”*.

Referências Bibliográficas

- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fada*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- CASCUDO, C. *Supertição no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.
- MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.
- OLIVEIRA, M.C.S. *Lembranças de infância: que história é esta?* Dissertação de Mestrado da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 1999.
- ROCHA, R. L. *Histórias na Infância: A construção de valores através da fantasia*. Monografia de Graduação da Universidade Estadual do Centro Oeste/UNICENTRO, 2003.